

ÊNIO PADILHA

LER
E
ESCREVER

Artigos e Ensaios sobre
Valorização Profissional de
Engenheiros e Arquitetos

893
Editora

ÊNIO PADILHA

LER
E
ESCREVER

*Artigos e ensaios
sobre a valorização profissional
de Engenheiros e Arquitetos*

1ª edição – setembro de 2011

*“Engenheiros encontram nos seus livros a verdade absoluta.
E na vida real não há verdades absolutas.
Há coisas insondáveis no comportamento humano que as
escolas de engenharia não ensinam aos seus alunos.
Elas estão preocupadas em ensinar coisas concretas, que
podem ser quantificadas matematicamente
e o comportamento humano não pode”*

Engenheiro Weber Figueiredo
Professor na Escola de Engenharia da UERJ e no CEFET

*“Poucas profissões exercem igual fascínio.
Poucas profissões oferecem tão largo campo
ao trabalho da criação.
A arquitetura reúne em si duas atividades
aparentemente antagônicas, mas que se completam:
a poesia e a construção;
a intenção plástica presidindo o trabalho de concepção.
Imposta ao estudo do homem, do seu comportamento em
sociedade, das suas necessidades e aspirações;
no conhecimento das técnicas e dos meios de realização.”*

Arquiteto Affonso Eduardo Reidy
(1909–1964)

título: LER E ESCREVER
**Artigos e Ensaios sobre
a Valorização Profissional
de Engenheiros e Arquitetos**
1ª edição, 2011

texto: Ênio Padilha

apresentação: Maristela Macedo Poleza

prefácio: Sebastião Lauro Nau

capa: Márcio Schalinski
Ênio Padilha
Maria Helena Loch Padilha

foto na 4ª capa: Maria Helena Loch Padilha

produção executiva: Áurea Loch
Carolina da Silva
Ana Maria Drummond

projeto gráfico: Márcio Shalinski
Ênio Padilha

**revisão gramatical
e ortográfica:** Juliana Pedroso

editoração eletrônica: Márcio Schalinski

revisão editorial: Carolina da Silva

**fotolitos impressão
e acabamentos:** Gráfica e Editora Pallotti

© **Copyright e direitos
autorais reservados
na forma da lei para:** Ênio Padilha

Catálogo na fonte

Padilha, Ênio, 1958 –
Ler e Escrever / Ênio Padilha, Balneário Camboriú-SC,;, 2011. 110p.:il.
Inclui Bibliografia
1. Engenharia. 2. Arquitetura. 3. Agronomia 4. Deontologia
I. Título
CDU: 658-8

*Este livro é
carinhosamente dedicado a
Maria Helena Loch Padilha
fonte de felicidade para todos os que
têm a sorte da sua convivência.*

SUMÁRIO

Prefácio	8
Ler e escrever	10
A cruzada	12
Valorização profissional	15
Dignidade	17
Realização	19
Reconhecimento	21
Segurança	22
Futuro	23
Por que é que a gente é assim?	24
Carta a um engenheiro recém-formado	30
Segunda carta ao engenheiro recém-formado (Capitalizar virtudes e defeitos)	33
Por que odiamos tanto o Crea (1)	36
Por que odiamos tanto o Crea (2)	38
Por que odiamos tanto o Crea (3)	40
Por que odiamos tanto o Crea (4)	42
SOEAA – o nosso maior evento	44
Odeio Política!	46
Eleições no sistema CONFEA/CREA	48
Que tipo de líderes temos em nosso Sistema profissional?	50
Felizmente a maioria das entidades não é assim	53
Nossas entidades de classe não são empreendedoras	56
Vale a pena participar de entidades de classe?	58
Valor e responsabilidade do engenheiro e do arquiteto	60
Carnaval, futebol, engenharia e arquitetura E a lógica de operação das nossas profissões	62

Serviço de arquitetura e engenharia não é fácil!.....	64
Não é tão obvio quanto parece	66
Engenheiros não são ouvidos (ou não se fazem ouvir?)	67
Não sou um idealista!	69
É só uma ideia.....	71
Devagar com o andor!	73
Mais engenheiros, por favor!.....	76
Luz de alerta para engenheiros e arquitetos	79
O que é que a engenharia e a arquitetura têm a ver com isso	82
Dois engenheiros, oito milhões	86
Parece mentira.....	90
Ser competente é um compromisso ético.....	92
Engenharia e administração: um casamento por Conveniência	94
Água e vinho (nossas intermináveis brigas internas)	96
Engenheiros e engenheiros	100
O quinto mandamento	102

PREFÁCIO

Sebastião Lauro Nau

Valorização profissional é muito mais do que reconhecimento ou externalização pública por um trabalho bem realizado, pela postura ética, elevado conhecimento técnico ou competência na prática da profissão. Ela vai mais além, e pressupõe a sustentabilidade do profissional e da profissão. Assim, deveria ser o objetivo de cada profissional. Sucesso financeiro virá como consequência, mas não é o único nem o mais importante indicador de valorização profissional. O engenheiro Ênio Padilha ensina muito claramente no artigo “Valorização Profissional” que dignidade, realização profissional, reconhecimento profissional, segurança e perspectiva promissora são as condições fundamentais para se ter valorização profissional.

Nos meus 25 anos de atividade profissional em engenharia, tenho percebido que, na maior parte das vezes, prevalece em nossa profissão a busca pelo reconhecimento profissional, mas pouco esforço é empregado na busca da valorização profissional. A principal causa talvez seja a falta de reflexão sobre o assunto, principalmente em relação às suas consequências. Em grandes empresas públicas ou privadas, onde boa parte dos engenheiros trabalha como empregado, este reconhecimento vem de seus pares e superiores. Não é um reconhecimento do mercado. Por isso, é encarado como um prêmio ao bom desempenho passado, mas que não garante sucesso futuro. Por outro lado, para os profissionais autônomos ou de pequenas empresas, o reconhecimento geralmente vem dos clientes, pares e fornecedores, ou seja, do mercado. No entanto, quando falamos em valorização profissional, nos referimos não apenas à valorização do profissional, mas também a de toda a classe profissional. É exatamente esta interpretação que vejo nos textos e palestras do engenheiro Ênio Padilha. Uma argumentação forte em favor da valorização da profissão de engenheiro e arquiteto, de modo a expandir o mercado, criando mais e melhores oportunidades a todos os profissionais. Neste contexto, a conexão do profissional engenheiro e arquiteto com seu sistema profissional, bem como sua atuação ética e responsável, são condições fundamentais para dar visibilidade e fortalecer a importância do profissional para a sociedade.

Engana-se quem pensa que valorização profissional é um ato isolado, como um prêmio concedido a um profissional de destaque. Antes de qualquer coisa, é o reconhecimento da sociedade a toda uma classe profissional, ao que ela representa por elevar os níveis de conforto, segurança, produtividade, beleza, economia e praticidade à vida de cada um de nós. No entanto, não pode ser uma concessão da sociedade, mas uma conquista de cada profissional e uma missão do sistema profissional que o representa.

É esta abordagem que o engenheiro Ênio Padilha apresenta de forma lúcida e insistente nos artigos que compõem este livro. Seus argumentos levam o leitor a refletir sobre a importância, a responsabilidade e os desafios do engenheiro e arquiteto, bem como as relações entre os colegas profissionais e entre estes e o seu sistema profissional. Vários artigos do livro dão ênfase à necessidade de aperfeiçoamento e fortalecimento do próprio sistema a partir da participação mais efetiva dos profissionais para expandir o mercado e aumentar as perspectivas de atuação a todos os profissionais. Valorização profissional, creiam, reflete-se coletivamente, mesmo que, eventualmente, seja uma conquista individual.

¹ **Sebastião Lauro Nau** é engenheiro eletricitista e Doutor em Engenharia Elétrica. É professor do Centro Universitário de Jaraguá do Sul - UNERJ – PUC/PR e gerente de Pesquisa e Inovação Tecnológica da WEG Motores.

Escolhi este artigo para abrir o livro porque ele foi um dos primeiros artigos que eu escrevi e, até hoje, um dos mais lidos e comentados. Embora ele não fale de Engenharia, nem de Arquitetura, teve inspiração nas minhas atividades junto a primeira entidade de classe à qual fui filiado, a Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, em 1987. Foi na AEAVI, acompanhando a ousadia e a coragem de colegas muito empreendedores que eu descobri que uma andorinha pode até não fazer o verão... mas uma delas tem de iniciar a revoada. Geralmente é a andorinha que sabe pra que lado fica o calor.

LER E ESCREVER

(maio de 1987)

Se você teve a oportunidade de estudar, viajar, conhecer pessoas inteligentes e isto desenvolveu a sua capacidade de fazer uma leitura mais abrangente do mundo... Se você sabe coisas que os outros não sabem... consegue ver o que os outros ainda não estão enxergando... ...então você tem muitas responsabilidades

Albert Einstein, que além de excepcional cientista foi também um dos mais brilhantes pensadores do nosso século, deixou-nos um alerta muito importante a respeito da leitura: ele dizia que é inútil uma pessoa atravessar a vida lendo os melhores livros, se não tirar deles elementos para uma “ação no mundo”.

Por “ação no mundo” ele queria dizer uma ação positiva, renovadora, revolucionária. O que Einstein fazia era uma convocação para a atividade. Um convite à auto-exposição. Ao trabalho, muitas vezes mal compreendido. À ação, muitas vezes combatida.

Ler bons livros, jornais ou revistas, viajar, conhecer pessoas, estudar... são coisas muito importantes. Qualquer pessoa com o mínimo de bom senso reconhece isto. O perigo está em admitir que a leitura e o estudo (o conhecimento) é o objetivo em si, quando na verdade é apenas um meio. Depois da leitura (do conhecimento) vem a segunda parte da tarefa, que

é a ação no mundo. Sem a segunda parte a primeira perde o sentido.

O que estou querendo dizer é que é necessário escrever a partir dos livros. E escrever tem aí um sentido bastante figurado: significa fazer alguma coisa, defender uma ideia, agir no sistema. Significa contribuir para o progresso. Plantar sementes novas. As pessoas esclarecidas tem responsabilidades grandiosas diante da sociedade.

Se vemos um caminho novo e não “convidamos” a humanidade para avançar por aí, assumimos a responsabilidade pelo atraso.

Não devemos nos intimidar diante da ignorância e da mediocridade que imperam no mundo. Não devemos deixar para os outros o trabalho para o qual estamos preparados. Se Pasteur (o descobridor da vacina) tivesse se acovardado diante da estupidez dos seus contemporâneos (que o consideravam um visionário e tolo) a humanidade teria amargado muitos anos de dor e atraso.

Se Einstein tivesse passado seus dias lendo livros de matemática e física sem nunca ter se exposto (escrevendo suas conclusões e teorias a respeito do que lia) ainda estaríamos acreditando que o espaço e o tempo são grandezas absolutas. Se todos nós cruzarmos os braços diante das coisas que considerarmos erradas, a humanidade ficará exatamente onde está: Atrasada, moralmente subdesenvolvida e dominada pela ignorância e pela maldade.

A CRUZADA

(abril de 2009)

Um leitor (de boa vontade) escreveu um comentário no meu site, sugerindo que eu deixasse de lado os temas que envolvessem entidades de classe, Crea, Confea, etc.

Dizia ele que eu não deveria cometer o erro da “cruzada política pela melhora das entidades”. Que deixasse essa briga para os engenheiros-políticos, pois, do contrário, eu correria o risco de perder o público que gosta dos meus textos sobre Administração, Estratégia e Marketing.

É importante dizer que o comentário foi escrito de maneira que deixou muito clara a boa intenção e o cuidado do leitor, manifestando uma preocupação genuína com o meu trabalho. Por isso escrevi a ele a seguinte resposta:

“Prezado Colega,

Não penses que este seu comentário foi mal recebido por mim. Pelo contrário: fiquei lisonjeado com os seus elogios ao meu trabalho.

Senti que suas palavras foram sinceras e sua intenção extremamente positiva.

Digo isto porque, feliz ou infelizmente, não posso atendê-lo.

Mas posso (e devo) justificar minha posição para você, e para outros leitores que eventualmente pensem a mesma coisa.

Na verdade, eu mesmo já enfrentei (recentemente) esta angústia. Passei alguns meses me perguntando se valia a pena abordar esses temas (essa ‘cruzada política pela melhoria das entidades’). Se eu não deveria me dedicar apenas aos assuntos técnicos de Administração e Estratégia voltados para as empresas de Engenharia, de Arquitetura e de Agronomia.

A conclusão a que cheguei, depois de muita reflexão, é que...

...EU NÃO POSSO!

Não posso fazer de conta que isto não é da minha conta ou que isto não

diz respeito ao tema Administração, Estratégia e Marketing.

Todas as semanas recebo muitos pedidos de inclusão no mailing para receber o nosso 'Três Minutos'. Também recebo alguns pedidos de 'remover'. Felizmente os primeiros são mais numerosos do que os últimos.

Porém, toda vez que o tema do artigo da semana diz respeito a entidades de classe, Crea, Confea sindicatos ou a lideranças dessas organizações o número de leitores que solicitam exclusão do mailing é muito maior do que o número de novos leitores cadastrados.

Então você tem razão: eu corro o risco de perder o público que gosta dos meus textos de Administração, Estratégia e Marketing.

Pior ainda: algumas vezes são os diretores das entidades que ficam aborrecidos comigo. Aí eu perco contratos e oportunidades.

Como eu já tive a oportunidade de dizer pra muita gente, eu não tenho pretensões políticas dentro do nosso sistema profissional. Sou filiado a duas entidades de classe, mas nunca sequer pleiteio cargos na diretoria. Tenho certeza de que o meu trabalho não se beneficiaria disso.

Tenho a convicção de que minha contribuição para a valorização das nossas profissões pode ser feita a partir dessa plataforma que eu já conquistei: o meu trabalho de escritor e palestrante: o estudo da Administração, Estratégia e Marketing e sua 'tradução' para o universo específico da Engenharia, da Arquitetura e da Agronomia foi o caminho que eu encontrei para dar a minha parcela de contribuição

No entanto, meu amigo, esse meu trabalho é inteiramente ligado ao dia-a-dia dos profissionais no campo e das entidades de classe. Praticamente 100% dos meus cursos são organizados e promovidos por entidades de classe (geralmente com apoio dos Creas). Muitos dos dirigentes dessas entidades são pessoas que, de boa vontade, ajudam a divulgar o meu trabalho por esse Brasil a fora.

Da mesma forma como eu procuro, com o meu trabalho, interferir no dia-a-dia dos profissionais do campo, sinto-me na obrigação de interferir no dia-a-dia das entidades.

Alguns engenheiros que, como eu, escrevem livros e ministram cursos e palestras pelo Brasil e que, no passado, tinham um discurso mais comprometido com a valorização das profissões, sucumbiram às pressões e recolheram-se a um trabalho meramente técnico, sem identidade política e sem postura social. Concluíram que o bom negócio é abrir a caixa registradora e fazer vistas grossas com o que está acontecendo em volta. Eu não os culpo nem os julgo. Apenas não quero me juntar a eles.

Meu trabalho é essencialmente técnico. Meus livros, todos, são resultados de pesquisas e estudos técnicos. Meus cursos (tenho quatro sendo apresentados atualmente) são todos técnicos. Assumo o compromisso de estudar essas questões, trazê-las para a realidade de engenheiros, arquitetos e agrônomos e traduzir esses temas para uma linguagem e para soluções que possam ser adotadas pelos profissionais. É para isso que sou contratado e pago.

Mas os engenheiros, arquitetos e agrônomos não estão atuando numa bolha, isolados da sociedade, imune às leis e às questões da organização profissional.

As estratégias de negócio, a administração das empresas e, em última análise o marketing dos serviços profissionais está conectado às ações (e omissões) das entidades de classe, dos Sindicatos, dos Creas, do Confea e da Mútua. O nosso sistema Profissional.

Por isso eu faço incursões a esse tema de vez em quando. É a minha forma de tentar contribuir. O que eu tenho para oferecer é a minha visão e os meus conhecimentos. Luto para que as nossas entidades sejam fortes, organizadas e bem estruturadas. E que nossas lideranças sejam profissionais capazes, bem informados e honestos. Ao discutir essas questões tento ser fiel ao que eu escrevi num artigo de 1987 (**LER E ESCREVER**): ‘não devemos deixar para os outros o trabalho para o qual estamos preparados’

Isso me custa alguns preciosos leitores. E, algumas vezes, me custa também alguns bons negócios, quando o interesse de algum ‘líder’ é contestado. Eu gostaria que não fosse assim, mas não posso evitar.

E o preço que eu pago. É o preço que eu estou disposto a pagar para não ser omissos.”